



A CIDADE FRATURADA

O RIO DE JANEIRO NA OBRA CLARA DOS ANJOS DE LIMA BARRETO

Alexandre Batista da Silva ¹

Elisa Andrade da Costa²

Resumo

O presente artigo propõe a análise da percepção da cidade, enfocando o subúrbio, na obra *Clara dos Anjos*, pelo autor Lima Barreto. Desse modo, o período evidenciado no romance, reforma da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, é essencial à compreensão do espaço geográfico como revelador dos conflitos e das diferenças sociais entre os personagens.

Palavras-chave: Cidade. Diferenças sociais. Subúrbio.

Introdução

A proposta deste estudo é a captura e a análise da percepção de Lima Barreto da cidade do Rio em sua obra *Clara dos Anjos*, último romance do autor que apresenta duas características importantes: a primeira diz respeito ao drama da personagem que dá nome ao romance ser a última produção escrita pelo autor, já maduro e calejado pela marginalização intelectual e social experimentada na sociedade de seu tempo (Oakley, 2011); a segunda se liga ao momento de produção da obra quando a cidade do Rio de Janeiro materializa um crescimento populacional e uma transformação estrutural que conformará os lugares sociais das pessoas, cuja intervenção principal decorre da reforma urbana promovida pelo prefeito Pereira Passos.

Em relação à primeira característica, destaca-se o fato de termos um Lima Barreto já mais experiente com o ofício de escrever e já bastante amargurado com o que sofria como artista da Literatura, vide sua visão traumática nos relatos feitos em “Diário de hospício” (Barreto, 2017). Soma-se a isso, o conhecimento de que Clara

¹ Doutor em Língua Portuguesa pela (UFRJ), Docente do UGB-FERP.

² Mestre em Literatura Brasileira pela (UFRJ), Docente do UGB-FERP.



dos Anjos tenha sido uma narrativa publicada como conto duas vezes, antes do romance em si. Isso significa um trabalho narrativo que pode caracterizar a importância que o autor deu à temática descrita no livro: uma mulher negra com todos os problemas étnicos que a marginalizam/objetificam como presa sexual de Cassi Jones. A dispersão da massa trabalhadora, por conta da construção da linha férrea também marca a história de uma suposta visão de diferença de classes entre Clara e Cassi. Este, vagabundo, com mais de 30 anos, “violeiro/modinheiro”, vê em Clara, mulatinha/filha de um carteiro (Barreto, p.12) presa fácil por essa suposta diferença social, definidora das relações sociais brasileiras.

Schuwarcz comenta que o romance Clara dos Anjos foi o livro mais trabalhado e alterado pelo autor. Seu original, datado e localizado, não é longo; tem cerca de 150 páginas: “Todos os Santos (Rio de Janeiro), dezembro de 1921.” (2017, p. 769-770). A observação é significativa, pois, pode evidenciar o reconhecimento de uma obra burilada pelo autor, na qual todas as dimensões da construção da narrativa foram devidamente refletidas e calculadas, dado seu conhecimento de mundo como suburbano e intelectual.

A escolha da ambientação dos acontecimentos no subúrbio do Rio de Janeiro enfatiza o entrecruzamento de diferentes aspectos da composição do caráter das personagens e das relações estabelecidas nesse espaço. A respeito da importância espacial da cidade na obra de Lima Barreto, mais especificamente à obra em tela, Schuwarcz afirma que

“Este foi, em qualquer uma de suas versões, o texto de Lima mais voltado para as especificidades dos subúrbios e também o mais preocupado em delimitar as divisões espaciais e simbólicas que por lá se estabeleciam – com fronteiras criadas internamente a partir da cor. (2017, p. 769-770).

A própria narrativa confirma a observação feita pela pesquisadora, já que há um capítulo só para descrever o subúrbio carioca. Mais que isso, considerando um escrito amadurecido pela crueldade social vigente contra o homem negro, Lima Barreto parece querer dizer que o preconceito racial, ampliado quando se trata de mulher, acha assentamento definitivo na região geográfica da cidade denominada subúrbio:



Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. [...] As ruas distantes da linha da Central vivem cheias de tabuleiros de grama e capim, que são aproveitados pelas famílias para coradouro. De manhã até a noite, ficam povoadas de toda espécie de pequenos animais domésticos [...] Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias em outros pontos do Rio de Janeiro. (BARRETO, 2012, p. 85-86)

Interessante observar que situar o drama em um ambiente onde vivem os igualmente excluídos deveria significar algum tipo de cumplicidade protetora, porém não é o que ocorre, pois a vivência no subúrbio iguala a todos em condições e dramas existenciais. Todavia, a cor de Clara a coloca em uma escola social abaixo dos pobres brancos ocupantes do lugar, permitindo-nos a inferência de que embora morasse em um lugar elitizado, a dimensão de seu sofrimento não seria diminuída.

Este estudo busca, assim, por meio de pesquisa bibliográfica, a análise da confluência dessas duas características que revelam, ao longo do romance, uma percepção mais apurada de uma narrativa mais complexa e sensível de um escritor amargurado com a manifestação de uma sociedade estruturalmente preconceituosa.

METODOLOGIA

O Romance Clara dos Anjos, de Lima Barreto, apresenta 12 capítulos. Assim, foram analisados cada um dos capítulos a fim de identificar as marcas de espaço e sua relação com as atitudes e comportamentos das personagens. Em seguida, foi feito o cotejo dos dados com o aporte teórico selecionado para a realização deste trabalho.

Uma teoria do Espaço da narrativa literária

O filósofo francês Gaston Bachelard introduziu, em sua obra A poética do espaço, o conceito de *topoanálise*, que diz respeito ao estudo do espaço na obra literária. É, mais propriamente dito no dizer do autor, “o estudo psicológico sistemático



dos locais de nossa vida íntima (ver BACHELARD, 1993, p. 28). O livro explora a experiência humana e emocional do espaço, abordando como diferentes espaços afetam a percepção e a imaginação das pessoas. Bachelard examina a relação entre o espaço físico e o espaço psicológico, explorando as conexões entre a arquitetura, a poesia e a filosofia. Nesse sentido, analisa a experiência humana do espaço, não apenas como algo objetivo e físico, mas também como algo subjetivo e psicológico. Assim, espaços como a casa, o sótão, o porão, entre outros, influenciam pensamentos, sentimentos e memórias. Com essa abordagem, o autor apresenta uma fenomenologia que explora o poder das imagens poéticas da relação com o espaço. Ele descreve como certas imagens e memórias podem despertar sentimentos de nostalgia e reverência em relação a lugares específicos. Introduce, na sequência, os conceitos de "topofilia", referente ao amor ou apego a um lugar específico, e "topofobia", indicador de medo ou aversão a determinados espaços.

A Topoanálise é, então, entendida como a análise de elementos topográficos ou aspectos espaciais em textos literários. Desse modo, refere-se ao papel que as configurações das paisagens e das características geográficas desempenham na constituição da narrativa, dos temas ou do desenvolvimento do personagem nas obras literárias, podendo ser aplicado metaforicamente para explorar como certas estruturas narrativas, motivos ou dispositivos literários que persistem apesar das variações ou transformações.

Ampliando o conceito de Bachelard, Borges Filho (2007) assevera que a topoanálise abarca mais que o estudo psicológico relacionado ao espaço em que se encontra a personagem de uma narrativa. Para o pesquisador o conceito deve incluir também todas as outras possibilidades de relação do ser humano, mimetizado na obra literária, como categorizações sociológicas, filosóficas, estruturais, etc., que são logicamente coerentes com o estar no mundo regido por determinadas condições que marcam o lugar social das pessoas e que, por consequência, são transformadas em marcas de diferenciação.

Borges Filho (2007) fórmula ainda a importante distinção entre a ideia de espaço e lugar, de modo a dimensionar especificidade semântica de cada na análise literária. Assim, do ponto de vista de uma teoria literária do espaço, a oposição entre espaço e lugar não é funcional na visão do estudioso, que opta pelo conceito de



espaço por ser mais amplo e abarcar tudo o que está inscrito em uma obra literária como tamanho, forma, objetos e suas relações. Ele completa a argumentação dizendo que

Esse espaço seria composto de cenário e natureza. A ideia de experiência, vivência, etc., relacionada ao conceito de lugar segundo vários estudiosos, seria analisada a partir da identificação desses dois espaços sem que, para isso, seja necessário o uso da terminologia 'lugar'. Dessa maneira, não falaríamos de lugar, mas de cenário ou natureza e da experiência, da vivência das personagens nesses mesmos espaços. (pág. 51)

Neste estudo, assumiremos a perspectiva de Borges Filho (2007), visto que contempla com mais amplitude a experiência vivida pelos personagens suburbanos da obra em questão.

Fronteiras urbanas: universos em conflito

O século XX ficou conhecido por ser um período de transformação no Brasil. No Rio de Janeiro, ocorreu a denominada Regeneração, em consonância com acontecimentos em outros países que buscavam, também, a modernização e o progresso das grandes cidades. No entanto, apesar da tentativa de mascaramento pelo governo e pelos intelectuais ufanistas da época, as periferias e os locais mais afastados dos centros urbanos sofriam com o abandono do poder público.

Naquele período, a Avenida Central – conhecida hoje como avenida Rio Branco – fazia parte de uma nova diretriz para um conjunto de projetos urbanos da cidade, com sua parte de exteriores decorados de mármore e cristal, com lâmpões elétricos extremamente modernos. Decerto, com toda essa reforma urbana, a classe desfavorecida foi expulsa de lugares considerados privilegiados geograficamente a partir do movimento conhecido como “bota-abixo” que demoliu construções antigas habitadas por pessoas de baixo poder aquisitivo. Essa exclusão afeta diretamente a relação dos suburbanos com espaços centrais da cidade como “corpos estranhos” e desajustados à uma parte considerada mais civilizada em seus costumes e comportamentos. Esse sentimento de desajuste é mostrado pelo incômodo de Cassi Jones que, embora se considere superior aos moradores do subúrbio de Clara, percebe sua insignificância, ao frequentar o centro urbano:



Cassi Jones, sem mais percalços, se viu lançado em pleno Campo de Sant'Ana, no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar. A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio tinha os seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant'Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu valimento; a sua fanfarronice evaporava-se, e representava-se a si mesmo como esmagado por aqueles "caras" todos, que nem o olhavam. Fosse no Riachuelo, fosse na Piedade, fosse em Rio das Pedras, sempre encontrava um conhecido, pelo menos, simplesmente de vista; mas, no meio da cidade, se topava com uma cara já vista, num grupo da Rua do Ouvidor ou da avenida, era de um suburbano que não lhe merecia nenhuma importância. Como é que ali, naquelas ruas elegantes, tal tipo, tão mal-vestido, era festejado, enquanto ele, Cassi, passava despercebido? Atinava com a resposta, mas não queria responder a si mesmo. Mal a formulava, apressava-se em pensar noutra coisa. (BARRETO, 2012, p. 256)

Na "cidade", como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; em face da sofreguidão com que liam os placards dos jornais, tratando de assuntos cuja importância ele não avaliava, Cassi vexava-se de não suportar a leitura; comparando o desembaraço com que os fregueses pediam bebidas variadas e esquisitas, lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, de atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduzia-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma. (BARRETO, 2012, p.256)

A forte sensação de despertencimento vivida por Cassi reforça o impacto do ambiente sobre o indivíduo em seu aspecto psicológico. Parece haver uma ruptura entre os ambientes ao se tratar de periferia e de centro, como se não fizessem parte de um mesmo conjunto. Nessa perspectiva, observa-se também a diferença de comportamentos direcionados pelas classes sociais habitantes de cada um desses cenários. Não importa o quanto determinado subúrbio tenha um aspecto melhor, se comparado a outros, ainda assim encontra-se à margem e, por isso, delinea a autoestima de seus moradores, geralmente baixa, por se sentirem diminuídos perante



a elite cultural e financeira que desfila sua superioridade pelas ruas e por estabelecimentos requintados.

A cidade, então, revela-se como espaço privilegiado de ancoragem dos conflitos narrados e pode ser representada como o cenário de grandes acontecimentos como emancipações de direito e de convivência plural. Mas é também tomada, não raras vezes, como hostil e excludente, com uma violência explícita ou simbólica, já que pode ser impessoal e alienante, apresentando a desconsideração das pessoas como seres plenos de consciência e sentimentos. Em *Clara dos Anjos*, essa hostilidade é explorada de várias maneiras pelo narrador, refletindo conformações sociais, os conflitos políticos e os aspectos psicológicos que estabelecem, mas também explicam, as diferentes relações nos diversos espaços da cidade. É nesse sentido que Italo Calvino, citado por Gomes (1994), afirma que a cidade é o símbolo capaz de exprimir a tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado das existências humanas. Gomes (1994) continua a observação de Calvino dizendo que

A cidade como ambiente construído, como necessidade histórica, é resultado da imaginação e do trabalho coletivo do homem que desafia a natureza. Além de continente das experiências humanas, com as quais está em permanente tensão, “a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria histórica.”³ (GOMES, 1994, p. 23).

De acordo com essa análise, a cidade se mostra como um arquivo vivo acerca das transformações e dos conflitos provocados por elas sobre seus habitantes. Lima Barreto retrata em seus romances e contos justamente as mazelas e as contradições da vida urbana, revelando desigualdades, preconceitos e injustiças que permeavam a sociedade de seu tempo. A cidade, de modo geral, é retratada como um espaço de encontros e desencontros, cujas relações humanas são marcadas por conflitos e pela solidão. Em *Clara dos Anjos*, descreve-se a cidade do Rio de Janeiro no período da República Velha, época marcada pelo nacionalismo, fortalecido pelo fim da monarquia, mas também pela dominação econômica e política dos fazendeiros (ou

³ Esse excerto mescla a fala de Gomes (1994) e de Raquel Rolnik, 1988, do seu livro *O que é cidade* (p.9)



coronéis). Entretanto, não é a corrupção, a burocracia e a falta de a oportunidade, aspectos tão acentuados em outros romances de Lima Barreto, que são a problemática de *Clara dos Anjos*. É antes, o silenciamento disso tudo e a forma como esses aspectos configuram as relações e os lugares sociais ocupados no ambiente urbano. Vê-se, então, uma oposição muito rígida entre centro e subúrbio, cuja transição é feita pelo trem, transporte que funciona como uma espécie de artifício que possibilita a passagem de um universo a outro:

Nessas horas, as estações se enchem, e os trens descem cheios. Mais cheios, porém, descem os que vêm do limite do Distrito com o estado do Rio. Esses são os expressos. Há gente por toda a parte. O interior dos carros está apinhado e os vãos entre eles como que trazem quase a metade da lotação de um deles. Muitos viajam com um pé num carro e outro no imediato, agarrando-se com as mãos às grades das plataformas. Outros descem para a cidade sentados na escada de acesso para o interior do vagão; e alguns, mais ousados, dependurados no corrimão de ferro, com um único pé no estribo do veículo. (BARRETO, 2012, p.62)

O trem é o recurso que, ao mesmo tempo, une e desune os habitantes da cidade como um todo. Interessante observar o uso do termo cidade quando se afirma que “outros descem para a cidade”, o que delimita o espaço como diferente do de origem, ou seja, há pessoas de uma não cidade que se dirigem ao centro urbano, cenário denominado cidade. Além dessa divisão mais concreta, constatamos que a percepção da cidade do Rio de Janeiro na obra de Lima Barreto não se apresenta apenas um espaço físico, mas também uma construção simbólica. Ela representa os anseios, as frustrações e as contradições da sociedade, sendo um reflexo das relações humanas e das estruturas de poder que a permeiam:

A rua em que estava situada a casa desenvolvia-se no plano em, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma. (BARRETO, 2012, p.64)

Segundo Schuwarcz (2017), Lima Barreto lamentou a transformação do Rio de Janeiro, pois suplantou todo o povo humilde e suas moradias mais simples, relegando-os à invisibilidade. Todo esse processo de apagamento de uma parte da população feito para que surgisse uma outra cidade, “agora apropriada” (Schuwarcz, 2017,



p.134) a passeios, à circulação de veículos, a cafés em belas confeitarias, entre outras possibilidades que permitissem aos transeuntes contemplar a cidade maravilhosa com admiração. Oculto e marginalizado estava, contudo, o outro Rio composto por um grupo desfavorecido e excluído das benesses da grande cidade renovada. Essas especificidades são bem descritas como um projeto do autor de detalhar o crescimento do espaço negligenciado, bem como o comportamento dos moradores e seus costumes:

O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central. Para os lados, não se aprofunda muito, sobretudo quando encontra colinas e montanhas que tenham a sua expansão; mas, assim mesmo, o subúrbio continua invadindo, com as suas azinhagas e trilhos, charnecas e morrotes. Passa-se por um lugar que supomos deserto, e olhamos, por acaso, o fundo de uma gruta, donde brotam ainda árvores de capoeira, lá damos com um casebre tosco, que, para ser alcançado, se torna preciso descer uma ladeira quase a prumo; andamos mais e levantamos o olhar para um canto do horizonte e lá vemos, em cima de uma elevação, um ou mais barracões, para os quais não topamos logo da primeira vista com a ladeira de acesso (BARRETO, 2012. p. 183).

O subúrbio é um organismo vivo em construção, pois a qualquer canto para que se estenda o olhar é possível visualizar um barracão. O modo como as habitações são construídas e o traçado labiríntico das ruas continuam a ser mostradas no enredo de Clara dos Anjos de modo a apresentar ao leitor um panorama do espaço do Rio de Janeiro com destaque ao periférico:

Nelas, há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo. Afastando-nos do eixo da zona suburbana, logo o aspecto das ruas muda. Não há mais gradis de ferros, nem casas com tendências aristocráticas: há o barracão, a choça e uma ou outra casa que tal. Tudo isto muito espaçado e separado; entretanto, encontram-se, por vezes, “correres” de pequenas casas, de duas janelas e porta ao centro, formando o que chamamos “avenida” (BARRETO, 2012. p. 183).

Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam. Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais



próxima; alguns, morando mais longe, em Inhaúma, em Cachambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. Esse movimento dura até às dez horas da manhã e há toda uma população de certo ponto da cidade no número dos que nele tomam parte. São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, do dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis. (BARRETO, 2012. p. 187 e 188).

Lima descreve com detalhe a estrutura física do subúrbio e a precariedade que apresenta. Saneamento básico e condições dignas inexistem nesses locais que recebem a população desinteressante ao poder público, a não ser no recolhimento dos impostos que serão, injustamente, empregados em outras paragens. Tais ambientes ainda não estavam superlotados como conhecemos hoje, mas em pleno andamento. E na feitura desses bairros participava justamente a gente pobre e, em sua maioria, preta ou mestiça, sem muita opção:

O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes deem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos (BARRETO, 2012, p.187-188).

Esse abrigo aos desamparados revela outra face do subúrbio: a solidariedade entre a classe desfavorecida que, pela angústia recíproca em que vive, demonstra amizade aos seus pares. Há, então, similaridades que aproximam essas pessoas e se fundem ao sujeito, pois faz parte de sua identidade. Essa identificação acolhe outros na mesma situação, ao contrário do espaço urbano central, sempre hostil aos diferentes, sobretudo, aos marginalizados, pois tem perfil burguês e superficial que rejeita o que lhe é diferente.

Outro aspecto observado pelo autor nas periferias se trata da singularidade de alguns locais com relação a outros, ou seja, dependendo da influência de determinado morador, um bairro suburbano poderia ter melhor aparência e ser mais bem cuidado. Na localidade mais elevada, embora também suburbana, até a paredes de uma construção eram ornamentadas, o que a distanciava dos demais grupos sociais. Esse era o caso da residência do antagonista da narrativa:



A casa da família do famoso violeiro não ficava nas ruas fronteiras à gare da Central; mas numa transversal, cuidada, limpa e calçada a paralelepípedos. Nos subúrbios, a disso: ao lado de uma rua, quase oculta em seu cerrado matagal, topa-se uma catita, de ar urbano inteiramente. Indaga-se por que tal via pública mereceu tantos cuidados da edilidade, e os historiógrafos locais explicam e porque nela, há anos, morou o deputado tal ou o ministro sicrano ou o intendente fulano. (BARRETO, 2012, p.289)

Consoante Albuquerque Jr. (2017), o Brasil passa por um longo percurso histórico de exclusão e de promoção de preconceito quanto à origem geográfica, o que é reforçado pelo fenômeno urbano com o surgimento das primeiras grandes cidades brasileiras, pois

O declínio das elites agrárias ou mesmo a ascensão das novas gerações destas elites, agora educadas na cidade, vai tornar o próprio mundo urbano um universo de observação, sendo descobertas, em seu interior, algumas fronteiras, separando, por exemplo, o espaço do trabalho do espaço da boemia ou da marginalidade, o espaço das pessoas “direitas” do espaço das pessoas suspeitas, o espaço da lei do espaço da contravenção, o espaço da ordem do espaço da desordem. Autores como Lima Barreto ou João do Rio vão se dedicar a mostrar estes outros lugares da cidade, enquanto um por sua condição econômica e racial, que já o colocava do outro lado da fronteira, o outro talvez por sua condição sexual, que o faz em suas excursões ou rondas noturnas se encontrar com esses outros seres que esses outros seres que habitavam o mundo urbano. (ALBUQUERQUE JR., posição 928 de 1973)

Essa constatação por meio de documentos e da manifestação das mudanças via escrita literária apresenta-se pelo olhar agudo de Lima Barreto, conforme citado, visto que a periferia é a responsável pela mão de obra prestada no centro da cidade, porém estereotipada pelo olhar burguês como ambiente perigoso, violento ocupado por pessoas consideradas menos importantes tanto pela posição social, quanto pela racial, aspectos bem marcados por Lima Barreto em Clara dos Anjos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Em conclusão, a cidade na obra de Lima Barreto é um elemento fundamental, retratado como um espaço onde se manifestam as desigualdades, as injustiças e os abusos de poder. O autor utilizou sua escrita para expor as contradições e os problemas sociais presentes na vida urbana, convidando o leitor a refletir sobre essas questões e a buscar uma transformação da realidade.

Através de suas obras, Lima Barreto deixou um importante legado literário ao abordar a cidade como um microcosmo social e político, revelando as tensões e as lutas que ocorrem dentro de seus limites. Sua visão crítica e realista da cidade continua a inspirar e provocar reflexões sobre os desafios enfrentados nas sociedades urbanas, incentivando-nos a buscar soluções para construir cidades mais justas, inclusivas e igualitárias.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. ***Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*** (edição Kindle). 1. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

BACHELARD, G. ***A poética do espaço***. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARRETO, Lima. ***Diário do Hospício & O Cemitério dos vivos***. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BARRETO, Lima. ***Clara dos Anjos***. São Paulo: Companhia das Letras 2012.

BORGES FILHO, Oziris. ***Espaço e literatura: introdução à toponímia***. Franca: Ribeirão gráfica e editora, 2007.

BRANDÃO, Luis Alberto. ***Teoria do Espaço Literário***. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2013.

DIMAS. A. ***Espaço e Romance***. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

GOMES, Renato Cordeiro. ***Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana***. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

HOLANDA, Sérgio B. de. ***Prefácio***. In: BARRETO, Afonso Henriques de L. ***Clara dos Anjos***. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. p. 35-48.

LINS, Osman. ***Lima Barreto e o espaço romanesco***. São Paulo, Ática, 1976.



OAKLEY, R. J. ***Lima Barreto e o destino da literatura***. São Paulo: Ed. da Unesp,. 2011

RESENDE, Beatriz (org.). ***Lima Barreto: Cronista do Rio***. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Autêntica, (XXXX)

RESENDE, Beatriz. Prefácio. ***Em defesa de Clara dos Anjos***. In: BARRETO, Afonso Henriques de L. Clara dos Anjos. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. p. 09-24.

SEVCENKO, Nicolau. ***Literatura como missão***. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989 [1983].

SCHWARCZ, Lilia Moritz. ***Lima Barreto: Triste Visionário***. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, A. B da; COSTA, Elisa A. da; RIBEIRO, Hilma. ***Clara dos Anjos: a continuidade do racismo no Brasil pós-abolição***. In: ASSIS, Lúcia Maria de; NASCIMENTO, Luciana Marino do; SANTOS, Janete Silva dos. Org.. São Paulo. Editora Edgard Blücher Ltda, 2022. p 107-120.

SILVA, A. B da; RIBEIRO, Hilma. ***Lima Barreto como (pre)texto***. In: ASSIS, Lúcia Maria de; NASCIMENTO, Luciana Marino do; SANTOS, Janete Silva dos. Org. Lima Barreto na sala de aula: primeiros escritos. São Paulo. Editora Edgard Blücher Ltda, 2021. p 107-120.

TEIXEIRA, V. R. ***“Clara dos Anjos” de Lima Barreto: biópsia de uma sociedade***. Luso-Brazilian Review, Madison, v. 17, n. 1, p. 41-50, Summer, 1980.